BR

Alexandre Freire &
Fabiane Borges

Alexandre Freire Computata trabalha com desenvolvimento de sistemas de software e com implantação de metodologias em organizações. Foi coordenador do programa de Cultura Digital do Ministrio da Cultura. Como artista, desenvolve trabalhos que investigam as táticas criativas da convivência em ambientes que se integram ao meio-ambiente de forma sustentável.

Fabiane Borges é ensaísta, pesquisadora de arte, política e subjetividade, desenvolve projetos em vários locais do Brasil, faz doutorado em psicologia clínica na PUC, SP.

Produção também é política - Táticas para produção de pequenos encontros

Encontro Des).(centro - 2009

Para que um encontro/evento aconteça é preciso que alguém o produza. Esse fazer não é nada simples, pois requer muito trabalho e compromisso, provavelmente por causa disso opta-se por gerenciá-lo através de metodologias já reconhecidas, que tenham funcionalidade e conduzam a resultados concretos, porém muitas dessas metodologias reproduzem sistemas de valoração burocráticos e alienantes já não condizentes com as complexas redes humanas de trocas e acesso nas quais participamos na contemporaneidade; de modo que é necessário repensá-las.

A produção geralmente se baseia em uma tríplice aliança: "organização, curadoria e moderação". A "organização" fornece os meios necessários para o encontro, executa as tarefas cotidianas desde convites, hospedagens, crachás, filtro de linha para ligar os gadgets, gerencia os espaços, resolve pepinos, descasca abacaxis. A "curadoria" cuida do universo imaginário, das conexões políticas, dos discursos que irão permear os espaços, interfere nas disposições dos quadros subjetivos e profissionais. A "moderação" conduz o processo, cria a possibilidade de diálogo, oferece técnicas que permitem o desenvolvimento de certos conceitos, instalação de alguns consensos e criação de uma plataforma comum de ação.

Na maioria dos casos porém, as produções sofrem uma forte hierarquia interna dessas três instâncias: os "organizadores" são tidos como operários, os "curadores" como a inteligência que detém o poder de escolher o que serve ou não para o encontro e os "moderadores" como aparelhos de contenção de fluxos, para que ninguém saia dos limites estabelecidos pela própria produção. Esse tipo de produção demonstra que a estrutura política do evento é por princípio permeada de verticalidade, de formatos que impedem um real espaço de participação e crítica tanto da própria produção do evento quanto do evento em si. A situação exposta culmina na promoção de acordos velados, conduz a uma participação egoísta onde cada um só se interessa em fazer sua própria exposição logo se desinteressando pelo evento; permite que idiossincrasias muito comuns retornem, como o chato que não foi convidado para estar na mesa e não tendo nenhum outro espaço onde exercer sua própria singularidade se aproveita dos momentos coletivos para monopolizar discussões e criar discórdia, ou a estrela atrasada para o compromisso que é esperada por um público passivo, que não tem domínio nenhum sobre a construção do evento e serve só de base para sustentação do grande nome, ou ainda o surgimento do bambambam que não se interessa por nenhum trabalho coletivo e toma na mão o poder de levar adiante o processo, pisando sobre as pequenas insurgências locais. Esse tipo de estrutura se baseia na burocracia e na institucionalidade. Apesar de ser comum dividir em categorias distintas as (no mínimo) três instâncias da produção, é fundamental que passemos a compreendê-las como interdependentes, pois sua disposição e atribuição determinam a estrutura política de qualquer evento. Se a estrutura proponente for verticalizada é muito difícil que o encontro/evento não reproduza esse formato.

Há algum tempo (sem levar em conta inumeráveis exemplos históricos) vêm se definindo nas práticas coletivas algumas outras formas de produção de encontros/eventos que não se fixam nem em superinstitucionalidade nem em encontro largado, descompromissado, mas que habitam entre ambos, que fazem dos seus métodos uma estrutura política que contribui para um pensamento político maior, que provoca pequenos processos democráticos, potencializando espaços de construção coletiva, adaptando-se as mudanças produzidas dentro do próprio encontro, permitindo que as pessoas se responsabilizem pelos processos desencadeados, favorecendo que as lideranças espontâneas, os talentos emergentes, apareçam, ganhem força, façam diferença, construindo ambientes propícios para liberação de fluxos, agenciamento de devires, fluência de potenciais, conexão de desejos, necessidades, desenvolvimento de ritmos, remixagem de papéis sem centro catalisador, alcançando metas, objetivos, criações e finalizações de projetos sem recair em princípios hetero-patriarcais, comprometidos com uma lógica de evolução que só faz reafirmar a obediência, a construção de hierarquias e a supressão das subjetividades diferenciantes em nome de um consenso induzido.

Produção também é política. A produção de um evento pode e deve estar aberta para o imprevisto, para a qualidade das trocas, para as diferentes temporalidades que ele próprio propicia e abarca, para a abertura de espaços imprevistos que propiciem que as criatividades
apareçam. Não existe um método específico para chegar a esse nível de produção, é preciso inventar e reinventar incessantemente táticas de operacionalização que abram espaço para os sujeitos se singularizarem, ampliarem suas percepções do mundo, e transformarem em alguma medida suas vidas. Isso consiste em criar uma atmosfera produtiva e constituinte, que além de promover horizontalidade, descentralidade, também proponha que os participantes se tornem produtores dos acontecimentos do encontro, e que levantem e concretizem demandas.

Temos experimentado encontros onde atuamos como produtores e participantes, cuja estrutura é de convivência. Trata-se de encontros imersivos em lugares onde as pessoas têm tempo e espaço para constituírem um microcosmo que além de lidar com os planos civilizatórios gerais (espaço, consumo, organização), lidam com os impasses cotidianos (fazeres, trocas, relações). A criação de projetos de ações, demandas de estruturação, objetivos em curto, médio e longo prazo, e troca de conhecimentos se mesclam à limpeza do espaço, preparo de refeições, impasses em relação ao lixo, tempo de relaxamento e troca de afetos. Todos se responsabilizam pela construção e produção do próprio evento, e podem observar nos aspectos mais cotidianos, os dados

comportamentais do grupo, as hierarquias, as explorações, os machismos, as irresponsabilidades com os projetos de convivência, as desvalorizações compulsórias aos pontos considerados fracos, os modos de lidar com o lixo, com os afetos; tudo isso é material para a elaboração do próprio encontro. As técnicas para construir essa elaboração dependem da criatividade da produção e dos participantes, que ao invés de apresentarem planos pré-estabelecidos de ação, abrem-se para os acontecimentos, produzindo a partir da singularidade de cada grupo, modos de intervenção específicos.

Apresentamos agora alguns exercícios dinâmicos construídos por seus próprios participantes em eventos cujos motes nos motivam a escrever esse texto:

1- CHOQUE ELÉTRICO

Um grupo de 10 a 20 pessoas num encontro de comunicação livre dá-se as mãos e recebe um choque coletivo de 220 volts. Todos sabiam que se um largasse a mão do outro, o último receberia uma carga mais elevada de choque, desse modo, num gesto de total confiança, as pessoas não largavam as mãos e compartilhavam o choque que perpassava seus corpos. Esta prática fortalece a construção de confiança entre pessoas. Essa dinâmica, estruturada a partir do choque levado pelo que iria ligar um fio, durou muitas horas, e praticamente todos os presentes participaram espontâneamente. (Submidialogia“2”/Olinda-2006)

2- SOBE NO BANQUINHO

Tem momentos nos quais o que se tem para dizer é para todo mundo. Foi a partir dessa demanda coletiva que alguém decidiu colocar um banquinho sagrado em um determinado local, onde todos os participantes tinham liberdade de subir e falar para todo mundo, em contrapartida o público formado tinha que prestar atenção no que era dito, ponderar, refletir e caso tivesse algo importante a dizer, sabia que poderia subir no banquinho também.

3- COZINHA COLETIVA

Todos os produtos de cozinha estão à disposição dos participantes, os cozinheiros se organizam para cozinhar para todos, conforme fluência do próprio grupo, lembrando de não exercer a exploração nem uma cozinha sexista. Enquanto cozinham conversam questões, trocam idéias, elaboram planos de ação, combinam temperos e demandas.

4- ESPAÇO DE CONFORTO

É preciso satisfazer as necessidades humanas básicas para que qualquer trabalho ocorra. Antes de qualquer ação coletiva os participantes precisam saber onde vão dormir, tomar banho, e fazer as refeições. Assim se transformam em corpos confortáveis, que se movimentam, se deitam, levantam. Um corpo que se sente a vontade com a situação, que não seja forçado a respeitar o protótipo da organização curatorial nem moderadora, pode ser mais criativo, mais envolvido, ter mais condições de expressar os processos pelos quais é atravessado no encontro em questao, com suas pautas e objetivos, pode viver mais intensamente os problemas que o atravessam e dessa forma colaborar mais para o desenvolvimento do processo.

Créditos/Credits: Annette Wolfsberger

5- RÁDIO LIVRE

Instala-se uma rádio livre no local do encontro e alise operacionalizam conversas, expõem-se opiniões, divergências, projetos possíveis, discussões pontuais, trocas conceituais, ficções, imaginários de futuro, ironia das situações presentes, enquanto osoutros cozinham, tomam banho de piscina, trocam o lixo, ou tomam uma cerveja. O objetivo é que a rádio seja um lugar onde se depurem as ideias, se escutem várias possibilidades; um espaço que promova apropriação dos meios de comunicação, propício para satisfazer a necessidade de qualquer participante de falar a todos.

6- NARIZ DE PALHAÇO

Para criar um espaço de crítica, o nariz de palhaço funciona como uma ferramenta que propicia momentos para falar tudo o que se pensa, sem mediação nem condescendência. Instauram-se a cena anárquica, a espontaneidade, ao mesmo tempo o topos do perdão e do consentimento, como se o nariz fosse uma máscara de proteção aos julgamentos. Tanto os que colocam o nariz, quanto os que assistem a cena devem compreender que o ato promove aspectos fundamentais para a saúde coletiva como fluidez, desintoxicação, afirmação de um outro estado que não diga necessariamente dos objetivos prescritos, mas que inconscientiza a situação, tornando-a humorada, “fetichosa”, irônica e exagerada, contribuindo para que se pense na situação em um outro estado de presença.

7- NUNCA FOI COBRADOR?

Ao invés de reclamar da situação, as pes-

soas são autorizadas e empoderadas a fazê-la acontecer. Cobrar uns dos outros pautas e demandas produzidas, dividir o poder da produção em canais partilhados pelos participantes, que envolvidos com o acontecimento, pretendem que ele se desenvolva, se manifeste. Ao ser questionado ou cobrado, incita-se a pessoa a assumir a esponsabilidade de lidar com a própria insatisfação.

8- EU SOU MODERADOR

É permitir que o papel da moderação seja partilhado, que as pessoas se sintam livres para conduzir o processo de forma a responsabilizar-se por seus contornos, mas ao mesmo tempo inventá-los, criar novas demandas, injetar novos modos de comportamento e compreensão. Significa saber que o poder é partilhado e também as consequências. Este exercício permite ensaiar um papel rotativo de controle de ansiedades e expectativas.

Esses exemplos deixam bem clara a diferença entre uma estrutura política verticalizada e uma outra que se produza a partir de seu eixo circular, agregador. As vertentes políticas que animam esta última variante são motivadas por práticas de confiança, ritualização, divisão de poder e responsabilidade, apropriação dos meios de produção e comunicação; porém sabemos do paradoxo que habita esse tipo de prática, que ao mesmo tempo pode ser produtiva no sentido de vitalidade e democratização, mas também pode ser utilizada para promover alienação dos corpos e das subjetividades, por isso é importante pensar nas dimensões estruturais que ela abarca. Se estivermos falando de um encontro que se pretende político, independente do seu objetivo inicial, é necessário que os grandes temas apareçam: a exploração, a precariedade, o não contentamento com o estado das coisas, a dimensão humana e existencial. Uma imersão é um recorte do mundo, com todas as nuances que ele contém.

Um risco que corremos ao aplicar esse tipo de dinâmicas é seu mau uso, no sentido de serem incorporadas no evento como discurso de saúde e participação, mas na verdade só reafirmarem a condição onipresente e punitiva da produção, de modo a criar diagnósticos e psicopatologias, de encarcerar pessoas em caricaturas superficiais prejudiciais que invalidam o diálogo construído. Existe o perigo de ser utilizado mais como entretenimento que como fato constitutivo. Outro risco é de validar somente os que se expõem e não desenvolver percepção para os sombrios, para os escondidos, para os que habitam as sombras, como se esses não fossem presenças suficientes. Dessa forma é preciso, como dito no início, reinventar e reavaliar técnicas a todo instante, fazê-las serem uma das demandas do próprio grupo, criar percepção e contágio de linguagens que muito raramente aparecem no vício da boa fala, da eloquência. Há outras linguagens participativas a serem notadas, deflagradas, linguagens viciadas em outros códigos, que se manifestam incisivamente mesmo que os métodos interpretativos não sejam eficientes o bastante para afetar-se com elas. Priorizamos os grandes discursos porque somos pobres na percepção. Esse texto sugere a retomada da percepção, da afecção, da multiplicidade de sentidos contida em um simples ato, assim como a ampliação das potências da escuta.

BR

**Alexandre Freire &
Fabiane Borges**

Alexandre Freire Computata works on the development of software systems and the implementation of methodologies in organizations. He has coordenated the Program of Digital Culture for the Brazilian Ministry of Culture. As an artist, he develops projects that explore creative tactics for living in places that offer sustainable integration with the environment.

Fabiane Borges is an essayist and carries out researches on art, politics and subjectivity. She develops projects in several places of Brazil and is completing a Doctorate in Clinical Psychology at PUC, São Paulo.

Production is also political

Tactics for the production of brief encounters

Des).(centro Meeting- 2009

For a meeting/event to take place, someone needs to produce it. Doing this is not an easy task, as it demands a great deal of work and commitment. This is probably the reason why people choose to manage events through established methodologies with proven functionality that would lead to concrete results. However, many of these methodologies reproduce systems of bureaucratic and alienating valuation, which no longer match the complex human exchange and access networks we enjoy in contemporaneity. That is why it is necessary to rethink them.

Production is usually based on a triple alliance: “organisation, curatorship and moderation.” The “organisation” supplies the necessary means for the meeting, executing day-to-day tasks such as invitations, lodging, name tags, line filters to hook on the gadgets, managing spaces, and sorting out problems. The “curatorship” cares for the imaginary universe, the political connections, and the speeches that will permeate the spaces; it interferes with the arrangements of the professional and subjective frameworks. The “moderation” conducts the process, creating the possibility of dialogue, offering techniques that allow the development of certain concepts, the installation of some consensus and the creation of a common platform for action.

In most cases, however, productions suffer a powerful internal hierarchy among these three levels: the “organisers” are taken for workers, the “curators” are the intelligence holding the power to determine what serves the meeting, and the “moderators” are considered as flow restraining devices, to keep the meeting from going off the limits established by the production itself. This type of production shows that the political structure of the event is by principle flooded with verticality and formats that prevent a real space for participation and criticism, both for the production of the event and for the event itself. The situation exposed fosters the promotion of hidden agreements and leads to a selfish participation, where each member aims to do his own exhibition and soon loses interest in the event. It allows the reappearance of very common idiosyncrasies, such as those inconvenient people who were not invited to the table, and who therefore do not find the space to exercise their own singularity, taking advantage of collective moments to monopolise discussions and create discordance; or the star that is delayed to the event and is awaited for by a passive audience, who has no authority on the construction of the event and only serves as a foundation to uphold the illustrious name; or yet the appearance of the big name who is not interested in collective work and takes for himself the power to move on with the pro-

cess, stepping over little local insurgencies. This sort of structure is based on bureaucracy and institutionalism. Even though it is usual to split the (at least) three instances of production into separate categories, it is vital to start understanding them as interdependent, because their disposition and attribution determine the political structure of any event. If the structure is verticalised, the event/meeting will most likely reproduce this model.

For a while now (not considering the countless historical examples) we have been seeing in collective practices different forms of production for events/meetings that do not correspond to super-institutionalism or to a disorganised, uncommitted meeting, but which transit between both, making their methods a political structure that contributes to a larger political thinking. This fosters small democratic processes, potentialising spaces for collective construction, adapting to the changes produced within the meeting, allowing people to take responsibility for the processes that has been triggered. This favours the appearance of spontaneous leaderships and emerging talents, who gain power and make a difference, building environments that are adequate for the liberation of flows, the management of what's to come, the fluency of potentials, the connection of desires and needs, the development of rhythms, the remix of roles without a catalysing centre, reaching goals, targets, creations and ending projects, without falling back on hetero-patriarchal principles engaged with a logic of evolution that reaffirms obedience, the construction of hierarchies and the suppression of unique subjectivities on behalf of an induced consensus.

Production is politics too. The production of an event may and should be open to unforeseen elements, to the quality of exchange, to the different temporalities that the event itself allows for and embraces, to the openness of unexpected spaces that allow creativity to emerge. There is no scientific method that leads to this level of production. It is necessary to ceaselessly invent and reinvent operational tactics that make room for subjects to singularise themselves, expand their perceptions of the world and transform their lives to some extent. That means creating a productive and constituent atmosphere, which, in addition to promoting horizontality and decentralisation, also proposes that the participants become producers of events inside the meeting and that they stand up and concretise their demands.

We have experienced meetings where we acted as producers and participants, in which the structure is based on living together. These are immersive meetings in places where people have time and space to constitute a microcosmos that, besides dealing with the general civilizatory plans (space, consumption, organisation), also deals with daily impasses (tasks, exchanges, relationships). The creation of action projects, structuring demands, short, medium and long-term goals, and the exchange of knowledge, intermingle with cleaning the space, preparing meals, impasses about litter, time for relaxation and affection exchange. Everyone takes responsibility for the construction and production of their own event, and can observe, in quotidian aspects, the group's behavioral data, the hierarchies, the explorations, the chauvinisms, the lacks of responsibility with the convivial projects, the compulsory devaluations of the alleged weak points, the ways to deal with litter and with affections. All these elements are vital material for the elaboration of the meeting. The techniques to do so depend on the creativity of the production and its participants, which, rather than introducing pre-established action plans, are permeable to the occurrences, producing from the singularity of each group, specific modes of intervention.

We present now a few dynamic exercises built by their own participants. The nicknames of these specific events motivate us to write this text:

1- ELECTRIC SHOCK

A group of 10 to 20 people in a free communication meeting hold hands and receive a collective 220 volts electric shock. Everyone knew that if they let go of each other's hands, the last person would receive a more powerful discharge, and so, in a gesture of complete trust, they did not let go and shared the shock that went through their bodies. This practice strengthens the building of trust among people. This dynamic, structured from the shock taken by what would connect to a wire, lasted many hours, and practically everyone present took part in it spontaneously. (Submidialogia "2"/ Olinda-2006)

2- STAND UP ON THE STOOL

There are moments when whatever you have to say must be said to everyone. Deriving from this collective demand, someone decided to place a holy stool at a specific spot where all the participants had the freedom to get on it and talk to the entire group. The public, on the other hand, had to pay attention to what was said, make considerations, reflect, and if they had anything important to say, they knew they could also get up on the stool.

3- COLLECTIVE KITCHEN

All kitchen products are at the participants' disposal. The cooks organise themselves to cook for everyone, according to the fluency of the group, remembering they must avoid exploitation or sexism in the kitchen. While they cook, they discuss issues, exchange ideas, make action plans, mix seasonings and demands.

4- COMFORT SPACE

One must guarantee basic human needs in order to allow any work to take place. Before any collective action, participants need to know where they will sleep, take a shower and have their meals. In these conditions they become comfortable bodies that move, lie down and get up. A body that feels at ease with the situation, that is not forced to respect the prototype of curatorial or moderating organisation, can be more creative, more involved, have better conditions to express the processes through which it undergoes at the meeting in question, with its rules and goals. It may live more intensely the problems that go through it and in this way it can collaborate much more with the development of the process.

4- FREE RADIO

A free radio is installed at the meeting premises and there, conversations are operationalised, opinions are exposed, as well as divergences, possible projects, punctual discussions, conceptual exchanges, fictions, future imageries, irony of present situations,

while others cook, swim in the pool, take out the trash or have a beer. The idea is that the radio must be a place where ideas are purified, possibilities are heard. It should be a space to promote the appropriation of the means of communication, adequate to satisfy the need of any participant to speak to an audience.

5- CLOWN NOSE

In order to create a space for criticism, the clown nose works as an accessory that propitiates moments to say everything you think, with no mediation or condescendence. It enables the instauration of an anarchic scene, spontaneity, along with forgiveness and consent, as if the nose were a mask to protect from judgements. Both those who put on the nose and those who watch the scene must understand that the act promotes key aspects for collective health such as fluidity, detoxification, the affirmation of another state that does not necessarily correspond to the prescribed objectives, but where the situation operates more at a subconscious level, making it humorous, fetishist, ironic and exaggerated, helping to think about the situation in a different state of presence.

6- HAVE YOU EVER BEEN A CONTROL FREAK?

Rather than complaining about the situation, people are authorised and empowered to make things happen. The participants can control each other on certain rules and demands produced, dividing the power of production in shared channels, and involved with the event, they intend it to develop and manifest itself. When a person is questioned or charged, he or she is incited to take responsibility to cope with his or her own dissatisfaction.

7- I AM MODERATOR

It allows for the moderating role to be shared, for people to feel free to conduct the process so as to take responsibility for their surroundings, yet, at the same time, to invent them, to create new demands, to inject new behavioural and understanding patterns. People must know that power is shared, as well as its consequences. This exercise allows the rehearsal of a rotating role to control anxieties and expectations.

These examples make clear the difference between a verticalised political structure and another one produced from within its circular and gregarious axle. The political segments that drive this last kind of structure are motivated by trust practices, ritualisation, power division and responsibility, appropriation of the means of production and communication. However, we know the paradox that inhabits this type of practice, which, at the same time may be productive in terms of vitality and democratisation, but also may be used to promote the alienation of bodies and subjectivities. This is why it is important to consider the structural dimensions that it embraces. If we are talking about a gathering that intends to be political, regardless of its initial purposes, it is necessary for the great themes to emerge: exploitation, precariousness, discontent with the general state of things, and the human and existential dimension. An immersion is a look into a certain world's section with all its nuances.

What we risk applying this type of dynamics, is its ill-use, in the sense that they might be incorporated to the event as a discourse on health and participation, when in fact they only reaffirm the omnipresent and punitive condition of the production, so as to create diagnoses and psychopathologies, to imprison people into damaging superficial caricatures that nullify the dialogue that was built. There is the danger of being used more as entertainment than as a constitutive factor. Another risk is to validate only those who expose themselves and forget to develop a perception on the darker, the veiled, the inhabitants of the shadows, as if they were not a sufficient presence. Therefore, it is necessary, as mentioned in the beginning, to constantly reinvent and re-evaluate techniques, make them be a demand of the group itself, and create a perception and a contamination of languages that rarely appear in vicious good speech and eloquence. There are other participative languages to be noticed, deflagrated; languages addicted to different codes, which manifest themselves incisively even though the interpretative methods are not efficient enough to be affected by them. We prioritise the great speeches because we have a poor perception. This text suggests the return to perception, to affection, to the multiplicity of meanings contained in a simple act, as well as the widening of the hearing potential.

Créditos/Credits: Edo Paulus
São Paulo